

# O MEIO DIVINO<sup>1</sup>

Teilhard de Chardin

## A DIVINIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES

A divinização do nosso esforço pelo valor da intenção que nele se põe infunde uma alma preciosa a todas as nossas acções; mas *não dá ao seu corpo a esperança de uma ressurreição*. Ora, é esta esperança que nos é necessária, para a nossa alegria ser completa. — É já muito podermos pensar que, se amamos a Deus, alguma coisa não ficará perdida da nossa actividade interior, da nossa *operatio*. Mas o próprio trabalho dos nossos espíritos, dos nossos corações e das nossas mãos, - os nossos resultados, as nossas obras, o nosso *opus*, - não será ele também, de algum modo, «eternizado», salvo?

Sim, Senhor, em virtude de uma aspiração que vós mesmo colocastes no centro da minha vontade, sê-lo-á! Eu quero, eu necessito que assim seja.

Quero-o assim, porque eu amo irresistivelmente o que o vosso concurso permanente me permite dar cada dia à realidade. Este pensamento, este aperfeiçoamento material, esta harmonia, este matiz particular de amor, esta esquisita complexidade de um sorriso ou de um olhar, todas estas belezas que aparecem, pela primeira vez, em mim ou à volta de mim, no rosto humano da Terra, eu as estimo como filhos dos quais eu não posso crer que, na sua carne, morrerão de todo. Se eu julgasse que estas coisas murchariam para sempre, ter-lhes-ia dado a vida? — Quanto mais me analiso, tanto mais descubro esta verdade psicológica: que nenhum homem mexe o dedo mendinho para a menor das obras sem se mover pela convicção, mais ou menos obscura, de trabalhar em escada infinitesimal (ao menos de forma indirecta) na edificação de qualquer Definitivo, isto é, na obra de Vós mesmo, meu Deus. Isto pode parecer estranho àqueles que actuam sem se analisarem até ao fundo. E contudo, isto é uma lei fundamental da sua acção. Nada menos do que a atracção do que chamamos o Absoluto, nada menos do que de Vós mesmo, se precisa para pôr em movimento a frágil liberdade que nos destes. Por isso, tudo o que diminui a minha fé explícita no valor celeste dos *resultados* do meu esforço, degrada irremediavelmente a minha capacidade de agir.

Mostrai a todos os vossos fiéis, Senhor, como, num sentido real e pleno, «as suas obras os acompanham» no vosso reino: «*opera illorum sequuntur illos*». Faltando isto, eles serão como esses operários preguiçosos aos quais nenhuma tarefa estimula. Ou então, se o instinto humano domina neles as hesitações ou os sofismas de uma religião insuficientemente esclarecida, ficarão divididos, incomodados no íntimo de si mesmos; e dir-se-á que os filhos do Céu não podem concorrer no campo humano com convicção e, portanto, com armas iguais, com os filhos da Terra.

## TODO O ESFORÇO COOPERA NO ACABAMENTO DO MUNDO «IN CHRISTO JESU»

A economia geral da salvação (isto é, da divinização) das nossas obras reduz-se ao breve raciocínio seguinte:

No seio do nosso Universo, toda a alma é para Deus, em Nosso Senhor.

Mas, por outra parte, toda a realidade, mesmo material, à volta de cada um de nós, é para a nossa alma.

E assim, à volta de cada um de nós, toda a realidade sensível é, pela nossa alma, para Deus em Nosso Senhor.

Aprofundemos um após outro os três membros deste silogismo. Os seus termos e o seu nexos são fáceis de apreender. Mas reparemos bem: uma coisa é ter compreendido os seus termos, e outra é ter penetrado no mundo surpreendente cujas riquezas inesgotáveis ele nos manifesta no seu calmo rigor.

<sup>1</sup> Texto extraído de *O MEIO DIVINO*, Teilhard de Chardin, Editorial Presença, Lisboa, tradução do Pe. Manuel Versos de Figueiredo sj., pág. 53-74,

**a) *No nosso Universo, toda a alma é para Deus em Nosso Senhor***

Esta maior não faz senão exprimir o dogma católico fundamental, — aquele do qual todos os outros dogmas são meras explicações ou determinações. Ela não exige pois aqui nenhuma prova, mas sim espera, pelo contrário, que lhe demos uma rigorosa compreensão na nossa inteligência. Toda a alma é para Deus, em Nosso Senhor. Não nos contentemos com dar a este destino do nosso ser para Cristo um sentido demasiado servilmente decalcado sobre as relações jurídicas que ligam entre nós um objecto ao seu proprietário. A sua natureza é, de modo muito diferente, física e profunda. Visto o Universo consumado (o Pleroma, como diz S. Paulo) ser uma comunhão entre pessoas (a Comunhão dos Santos), é necessário, sem dúvida, ao nosso espírito exprimir as suas ligações por meio de analogias sociais. Para evitar o desvio materialista ou panteísta que ameaça o nosso pensamento quando tenta utilizar para as suas concepções místicas os recursos poderosos, mas perigosos, das analogias orgânicas, muitos Teólogos (nisso mais medrosos do que S. Paulo) não gostam sem dúvida ainda de ver dar um sentido demasiado realista às conexões que ligam os membros com a Cabeça, no Corpo místico. Mas esta prudência não pode tornar-se timidez. Queremos compreender no seu pleno rigor (só ele capaz de os tornar belos e aceitáveis) os sentimentos da Igreja sobre o valor da vida humana e as promessas ou ameaças da vida futura? É necessário que, sem nada rejeitar das forças de liberdade e de consciência que constituem a realidade física própria da alma humana, nos demos conta da existência, entre nós e o Verbo Encarnado, de laços tão objectivos como os que dirigem, no Mundo, as afinidades dos elementos para a edificação de Todos «naturais».

E inútil buscar agora um nome novo para designar a supereminente natureza desta dependência em que se combinam harmónicamente, num paroxismo, o que há de mais flexível nas combinações humanas e o que há de mais intransigente nas construções orgânicas. Chamemo-la, pois, como sempre se fez: ligação *mística*. Mas que este termo, longe de encerrar qualquer ideia de atenuação, signifique ao contrário, para nós, reforço e purificação do que contêm, em realidade e em urgência, as mais poderosas conexões de que o mundo físico e humano nos dá exemplo em todas as ordens. Por este caminho podemos avançar sem medo de ultrapassar a verdade; porque a respeito do próprio facto, senão mesmo a respeito da sua expressão sistemática, todos estão de acordo na Igreja de Deus: em virtude da poderosa Encarnação do Verbo, a nossa alma está totalmente votada a Cristo e centrada n'Ele.

**b) *E agora, ajuntámos nós, «no nosso Universo, onde todo o espírito vai para Deus, em Nosso Senhor, todo o sensível, por sua vez, é para o Espírito».***

Sob a forma que aqui lhe damos, esta menor do nosso silogismo tem um aspecto finalista que corre o perigo de chocar os temperamentos positivistas. Mas ela não faz mais do que exprimir um facto natural incontestável, — a saber, que o nosso ser espiritual se alimenta continuamente das energias inumeráveis do Mundo tangível. Também aqui é inútil estar a provar. O que é necessário é ver, — ver as coisas como elas são, realmente e intensamente. Vivemos no meio da rede das influências cósmicas, como no seio da multidão humana ou como entre as miríades de estrelas, infelizmente sem tomarmos consciência da sua imensidade. Necessitamos, se quisermos viver a plenitude da nossa humanidade e do nosso cristianismo, de superar essa insensibilidade que tende a esconder-nos as coisas à medida que se tornam demasiado próximas e demasiado grandes. Façamos, que vale a pena, o exercício salutar que consiste em acompanhar, partindo das zonas mais personalizadas da nossa consciência, os prolongamentos do nosso ser através do Mundo. Ficaremos estupefactos ao verificar a extensão e a intimidade das nossas relações com o Universo.

Onde estão as raízes do nosso ser? Pois mergulham primeiramente no mais insondável passado. Que mistério o das primeiras células que um dia foram animadas pelo espírito vital da nossa alma! Que indecifrável síntese de influências sucessivas em que estamos para sempre incorporados! É em parte a história toda do Mundo que se representa em cada um de nós através da Matéria. Por mais autónoma que seja a nossa alma, ela é a herança de uma existência prodigiosamente trabalhada, antes dela, pelo conjunto de todas as energias terrestres: ela encontra - -se com a Vida e junta-se a ela num nível determinado. — Ora, apenas se encontra introduzida no Universo nesse ponto particular, ela sente-se, por sua vez, assediada e penetrada pela onda das influências cósmicas que

há-de ordenar e assimilar. Olhemos à volta de nós: as ondas vêm de toda a parte e do fundo do horizonte. Por todas as vias, o sensível nos inunda com as suas riquezas; alimento para o corpo e repasto para os olhos, harmonia dos sons e plenitude do coração, fenómenos desconhecidos e verdades novas, todos esses tesouros, todas essas excitações, todos esses apelos vindos dos quatro quadrantes do mundo, atravessam a cada instante a nossa consciência. Que vêm fazer em nós? Que farão em nós, mesmo que, semelhantes a maus trabalhadores, nós os recebamos com passividade e com indiferença? Introduzir-se-ão no mais íntimo da nossa alma para a desenvolver ou para a envenenar. Observemo-nos um momento e ficaremos persuadidos disto ou com entusiasmo ou com angústia. Se o alimento mais humilde ou mais material é já capaz de influir profundamente nas nossas faculdades mais espirituais, que dizer das energias infinitamente mais penetrantes trazidas pela música dos matizes, das notas, das palavras, das ideias? Não há em nós um corpo que se alimente com independência da alma. Tudo o que o corpo admitiu e começou a transformar, a alma tem por sua vez de o sublimar. Ela faz isso à sua maneira e segundo a sua dignidade, sem dúvida. Mas não pode fugir a este contacto universal nem a este labor de todos os instantes. E assim se vai aperfeiçoando nela, para sua felicidade e correndo riscos, a capacidade particular de compreender e de amar, que constituirá a sua mais imaterial individualidade. Nós não sabemos em que proporção, nem sob que forma, as nossas faculdades naturais passarão para o acto final da visão divina. Mas não podemos duvidar de que, ajudados por Deus, não arranjemos uns olhos e um coração cuja transfiguração final fará deles os órgãos de uma capacidade de adoração e de beatificação próprios a cada um de nós.

Deus não quer senão as almas, repetem à porfia os mestres da vida espiritual. Para dar a estas palavras o seu justo valor, não esqueçamos que a alma humana por mais criada à parte que a nossa filosofia a imagina, é inseparável, no seu nascimento e na sua maturação, do Universo onde nasceu. Em cada alma Deus ama e salva parcialmente o Mundo inteiro, resumido nesta alma dum modo particular e incomunicável. Ora, este resumo e esta síntese não nos são dados totalmente acabados com o primeiro despertar da consciência. Somos nós que devemos, pela nossa actividade, reunir industriosamente os seus elementos espalhados por toda a parte. O trabalho da alga que concentra nos seus tecidos as substâncias disseminadas, em doses infinitesimais, nas toalhas imensas do Oceano, — a habilidade da abelha que forma o mel dos sucos dispersos em tantas flores, — não são senão uma pálida imagem da elaboração contínua que sofrem em nós, para se tornarem espírito, todas as forças do Universo.

E assim, cada um, no decurso da sua vida presente, não deve só mostrar-se obediente e dócil. Pela sua fidelidade, deve *construir*, começando pela zona mais natural de si mesmo, uma obra, um «*opus*», onde entre alguma coisa de todos os elementos da Terra. Em todo o decorrer dos seus dias terrestres *ele faz a sua alma*. E ao mesmo tempo, colabora numa outra obra, num outro «*opus*», que ultrapassa, infinitamente, orientando-as no entanto de perto, as perspectivas do seu êxito individual: o acabamento do Mundo. Porque é preciso não esquecer isto também, ao apresentar a doutrina cristã da salvação: no seu conjunto, isto é, na medida em que constitui uma hierarquia de almas, — que só aparecem sucessivamente, que só se desenvolvem colectivamente, que só se completarão unitariamente—, o próprio Mundo sofre uma espécie de vasta «ontogénese», da qual o desenvolvimento de cada alma, por virtude das realidades sensíveis, não é senão um harmónico reduzido. O Mundo, pelos nossos esforços de espiritualização individual, acumula lentamente, a partir de toda a matéria, o que fará dele a Jerusalém celeste ou a Terra nova.

**c) Podemos agora aproximar uma da outra a maior e a menor do nosso silogismo, para compreendermos o seu nexa e a sua conclusão.**

Se, conforme o nosso Credo, é verdade que as almas passam tão intimamente para Cristo e para Deus, — se é verdade, segundo as verificações mais gerais da análise psicológica, que o sensível passa tão vitalmente para as zonas mais espirituais das nossas almas, — não temos outro remédio senão reconhecer que tudo se reduz a um processo que de alto a baixo agita e orienta os elementos do Universo. E começamos a ver mais distintamente despontar, no nosso Mundo interior, o grande sol de Cristo-Rei, de Cristo «*amictus Mundo*», de Cristo-Universal. A pouco e pouco, passo a passo, tudo acaba por se ajustar ao Centro supremo «*in quo omnia constant*». Os eflúvios emanados deste

Centro não actuam só nas zonas superiores do mundo, naquelas onde se exercem as actividades humanas de uma forma distintamente sobrenatural e meritória. Para salvar e constituir essas energias sublimes, o poder do Verbo encarnado irradia até à Matéria, desce até ao fundo mais obscuro das forças inferiores. E a Encarnação não ficará acabada ou completa, senão quando a parte de substância eleita, que todo o objecto inclui, — espiritualizada a primeira vez nas nossas almas, e segunda vez com as nossas almas em Jesus, — se tiver juntado ao Centro definitivo da sua completude. «*Quid est quod ascendit, nisi quod prius descendit ut replet omnia*».

Pela nossa colaboração que ele suscita, Cristo consuma-se, atinge a sua plenitude, a partir de toda a criatura. É S. Paulo que no-lo diz. Imaginávamos talvez que a Criação acabara já há muito. Erro. Ela continua cada vez mais activa, e nas zonas mais elevadas do Mundo. «*Omnis creatura adhuo ingemiscit et parturit*». E é para o acabar que nós servimos, mesmo por meio do trabalho mais humilde das nossas mãos. É este, em suma, o sentido e o valor dos nossos actos. Em virtude da interligação Matéria-Alma-Cristo, *façamos o que fizermos*, nós levamos a Deus uma porção do ser que ele deseja. Mediante cada uma das nossas **obras**, nós trabalhamos muito parceladamente mas realmente na construção do Pleroma, isto é, contribuimos um pouco para o acabamento de Cristo.

## A COMUNHÃO PELA ACÇÃO

Cada uma das nossas obras, pela repercussão mais ou menos distante e directa que tem sobre o Mundo espiritual, concorre para perfazer Cristo na sua totalidade mística. Eis, tão completa quanto possível, a resposta à nossa pergunta: como poderemos, aceitando o convite de S. Paulo, ver a Deus em toda a metade activa da nossa vida? — Realmente, pela operação sempre em curso da Encarnação, o Divino impregna tão bem as nossas energias de criaturas, que, para darmos com ele e o abraçarmos, não poderíamos encontrar meio mais apropriado do que a nossa mesma acção.

Na acção, primeiro, eu adiro ao poder criador de Deus, coincido com ele, eu torno-me não só o seu instrumento mas o seu prolongamento vivo. E como não há nada de mais íntimo num ser do que a sua vontade, eu confundo-me de algum modo, pelo meu coração, com o próprio coração de Deus. Este contacto é perpétuo, visto que estou sempre em acção; e, ao mesmo tempo, visto que eu não poderia encontrar limite à perfeição da minha fidelidade nem ao fervor da minha intenção, ele permite identificar-me com Deus sempre mais estreita e indefinidamente.

Nesta comunicação, a alma não se detém para gozar, nem perde de vista o termo material da sua acção. Não é a um esforço *criador* que ela adere? A vontade de se sair bem, uma certa ternura apaixonada pela obra a dar à luz, fazem parte integrante da nossa felicidade de criaturas. Por conseguinte, a própria sinceridade com que desejamos e buscamos o êxito para Deus, revela-se como um novo factor, — também este ilimitado — da nossa união mais perfeita com o Todo-Poderoso que nos vivifica. Associados, primeiro, a Deus no simples exercício comum de vontades, unimo-nos agora com ele no amor comum do termo a dar à luz; e a maravilha das maravilhas é que neste termo possuído, nós temos a surpresa arrebatadora de o encontrar também presente.

Isto deriva imediatamente do que dizíamos há pouco sobre a interligação da acção natural e da acção sobrenatural no Mundo. Todo o acrescentamento que faço em mim mesmo ou nas coisas dá como resultado um aumento do meu poder de amar e um progresso no bendito domínio de Cristo sobre o Universo. O nosso trabalho apresenta-se-nos sobretudo como meio de ganhar o pão de cada dia. Mas a sua virtualidade essencial é muito mais elevada: por meio dele vamos acabando em nós o sujeito da união divina e, mediante ele ainda, fazemos crescer, em certo modo, com relação a nós, o termo divino desta união, Nosso Senhor Jesus Cristo. E assim, artistas, operários, cientistas, seja qual for a nossa função humana, podemos, se somos cristãos, precipitar-nos para o objecto do nosso labor, como para uma saída aberta à suprema realização plena dos nossos seres. Realmente, sem exaltação nem exagero de pensamento ou de palavras, — mas por simples confronto das verdades mais fundamentais da nossa fé e da experiência, fomos levados ia esta verificação: Deus é inesgotavelmente atingível na *totalidade* da nossa acção. E este prodígio de divinização só tem de comparável a doçura com que se realiza a metamorfose, sem em nada perturbar («*non minuit, sed sacrauit*») a perfeição e a unidade do esforço humano.

## A PERFEIÇÃO DO ESFORÇO HUMANO

Podia temer-se, como dissemos, que a economia da acção humana fosse gravemente perturbada de direito pela introdução das perspectivas cristãs. A busca e a espera do Céu não tendem a desviar das suas ocupações naturais a actividade humana ou, pelo menos, a eclipsar-lhe completamente o interesse? Vemos agora como pode e como deve não ser assim. O encontro íntimo de Deus e do Mundo acaba de se realizar perante os nossos olhos no campo da acção. Não, Deus não nos manda afastar antes de tempo o nosso olhar do trabalho que ele mesmo nos impôs, visto que se apresenta a nós como atingível por esse mesmo trabalho. Não, Deus não faz que se desvançam no clarão da sua luz intensa os pormenores dos nossos objectivos terrenos, visto que a intimidade da nossa união com ele é exactamente função do acabamento preciso que havemos de dar à mínima das nossas obras. Exercitemo-nos até à saciedade nesta verdade fundamental, de forma que ela se torne tão familiar como a percepção do relevo ou como a leitura das palavras. Deus, no que tem de mais vivo e de mais encarnado, não está longe de nós, fora da esfera tangível, mas espera-nos a cada instante na acção, na obra da ocasião. Ele está, de algum modo, na ponta da minha caneta, da minha picareta, do meu pincel, da minha agulha, — do meu coração, do meu pensamento. É em levar até à sua última perfeição natural o traço, a pancada, o ponto, em que estou ocupado, que eu atingirei o Fim último para que tende o meu querer profundo. Semelhante a essas medonhas energias físicas que o Homem consegue disciplinar até lhes fazer realizar maravilhas de delicadeza, o enorme poder do atractivo divino aplica-se aos nossos frágeis desejos, aos nossos microscópicos objectos, sem lhes quebrar a ponta. Esse poder super-alenta: logo, não perturba nem abafa nada. Ele super-anima: logo, introduz na nossa vida espiritual um princípio superior de unidade cujo efeito específico é, conforme o ponto de vista que se adopte, santificar o esforço humano, ou humanizar a vida cristã.

### a) *A santificação do esforço humano.*

Não creio exagerar afirmando que, para nove cristãos praticantes de entre dez, o trabalho humano é considerado por eles como um «estorvo espiritual». Apesar da prática da recta intenção e do oferecimento quotidiano das obras feitas a Deus, a massa dos fiéis mantém obscuramente a convicção de que o tempo passado no escritório, no estúdio, nos campos ou na fábrica é qualquer coisa subtraída à adoração. É claro que não se pode deixar de trabalhar. Mas também não se pode pretender ter uma vida religiosa profunda; esta é reservada aos que têm vagar para rezar ou pregar todo o dia. Na vida, só uns minutos podem ser consagrados a Deus. Mas as melhores horas são absorvidas ou pelo menos desvalorizadas pelos cuidados materiais. Sob a influência deste sentimento, uma multidão de católicos leva uma vida praticamente dupla ou incómoda: necessitam de tirar o seu fato de homens para se julgarem cristãos e só cristãos reles.

Depois do que dissemos sobre as divinas extensões e as divinas exigências do Cristo místico ou universal, a inanidade destas impressões e a legitimidade da tese, tão cara ao cristianismo, da santificação pelo dever de estado, são manifestas. Sem dúvida há nos nossos dias momentos particularmente nobres e preciosos, como são os da oração e os dos sacramentos. Sem estes momentos de contacto mais eficientes ou mais explícitos, o afluxo da omnipresença divina e a visão que temos dela em breve se enfraqueceriam a ponto de a nossa melhor diligência humana, sem ser absolutamente perdida para o Mundo, ficar para nós vazia de Deus. Mas, dada cuidadosamente esta parte às relações com Deus, encontrado, se assim posso dizer, «em estado puro» (isto é, em estado de Ser distinto de todos os elementos deste Mundo), como temer que a ocupação mais banal, mais absorvente ou mais atraente, nos obrigue a sair d'Ele? Repitamo-lo: para quem sabe ver, em virtude da Criação, e, mais ainda da Encarnação, *nada é profano* neste mundo. Tudo, pelo contrário, é sagrado, para quem distingue em cada criatura a parcela de ser escolhido submetida à atracção de Cristo em vias de consumação. Reconhecei com a ajuda de Deus a conexão existente, mesmo física e natural, entre o vosso trabalho e a edificação do Reino Celeste, vede o próprio Céu a sorrir-vos e a atrair-vos através das vossas obras; e já não tereis, ao deixar a igreja pela cidade ruidosa, senão o sentimento de continuardes a imergir-vos em Deus. Se o trabalho vos parecer insípido ou esgotante, refugiai-vos no inesgotável e repousante interesse de progredir na vida divina. Se ele vos apaixonar,

dirigi para o gosto de Deus, melhor conhecido e desejado por vós sob o véu das suas obras, o impulso espiritual que vos comunica a Matéria. Nunca, em caso algum, «quer comais quer bebais»... consintais em fazer seja o que for, cujo significado e cujo valor construtivo in **Christo Jesu**, vós não conheçais primeiro s não busqueis depois com toda a alma. Isto não é só uma lição de uma salvação qualquer: é, seguindo cada um a sua vocação e mantendo-se no seu estado, o caminho mesmo da santidade. Para uma criatura, o que é de facto ser santa, senão aderir a Deus com o máximo das suas forças?—e o que é aderir a Deus ao máximo, senão cumprir no Mundo, organizado à volta de Cristo, a função exacta, humilde ou eminente, à qual, por natureza e por sobrenatureza, ela está destinada?

Vemos na Igreja toda a espécie de agrupamentos cujos membros se dedicam à prática desta ou daquela virtude particular: misericórdia, desapego, esplendor dos ritos, missões, contemplação. Porque não haveria nela também homens dedicados à tarefa de dar, por meio da sua vida, exemplo da santificação geral do esforço humano? - homens cujo ideal religioso comum seria o de dar a sua explicitação consciente completa às possibilidades ou exigências divinas escondidas em qualquer ocupação terrestre? - homens, numa palavra, que nos campos do pensamento, da arte, da indústria, do comércio, da política, etc., se dedicariam a fazer, com o espírito sublime que elas requerem, as obras fundamentais que são a própria ossatura da sociedade humana? À volta de nós verificamos que os progressos «naturais» com que se nutre a santidade de cada idade nova estão demasiadas vezes entregues aos filhos do século, isto é, a agnósticos ou a ímpios. Inconsciente ou involuntariamente, estes colaboram sem dúvida em prol do Reino de Deus e para o acabamento dos escolhidos : os seus esforços, ultrapassando ou corrigindo intenções inacabadas ou más, são recuperados por Aquele «cuja Energia é capaz de sujeitar a si todas as coisas». Mas, isto, evidentemente, não é senão um menor mal, uma fase provisória na organização das actividades humanas. Desde as mãos que a amassam até às mãos que a consagram, a grande Hóstia Universal não deveria ser preparada e manipulada senão com *adoração*.

Oxalá que chegue o tempo em que os Homens, bem conscientes da estreita ligação que associa todos os movimentos deste Mundo no único trabalho da Encarnação, não possam entregar-se a nenhuma das suas tarefas sem as iluminar com esta ideia distinta, a saber, que o seu trabalho, por mais elementar que seja, é recebido e utilizado por um Centro divino do Universo!

Nesse momento, de facto, pouca coisa separará a vida dos claustros da vida do século. E só nesse momento a acção dos filhos de Deus (ao mesmo tempo que a acção dos filhos do Século) terá atingido a plenitude desejável da sua humanidade.

#### **b) A humanização do esforço cristão.**

A grande objecção do nosso tempo contra o cristianismo, a verdadeira fonte de desconfianças que vedam à influência da Igreja blocos inteiros da Humanidade, não são precisamente dificuldades históricas nem teológicas. É a suspeita de que a nossa religião torne os seus fiéis *in-humanos*.

«O Cristianismo, pensam às vezes os melhores dos Gentios, é mau ou inferior, porque não leva os seus adeptos para além, mas para fora ou para a margem, da Humanidade. Isola-os em lugar de os fundir na massa. Desinteressa-os da tarefa comum, em vez de os aplicar a esta tarefa. Não os exalta, pois, mas diminui-os e falseia-os. Não confessam isto eles próprios? Quando, por sorte, um dos seus religiosos, um dos seus sacerdotes, se consagra às investigações chamadas profanas, tem todo o cuidado de lembrar, a maioria das vezes, que não se presta a estas ocupações secundárias senão para se adaptar a uma moda ou a uma ilusão, e para mostrar que os cristãos não são os mais tolos dos homens. Em suma, quando um católico trabalha connosco, temos sempre a impressão que o faz sem sinceridade e por condescendência. Parece interessar-se. Mas no fundo, devido à sua religião, não crê no esforço humano. O seu coração propriamente não está connosco. O Cristianismo faz desertores e falsos irmãos: eis o que não podemos perdoar-lhe».

Esta objecção que seria mortal, se fosse verdadeira, pusemo-la na boca de um incrédulo. Mas não se repercute ela aqui e acolá nas almas mais fiéis? A que cristão não aconteceu, ao sentir certo isolamento e certa frieza que o separava dos seus irmãos descrentes, perguntar a si mesmo se não iria por caminho errado, se não teria perdido o fio ou o rumo da grande corrente humana?

Pois bem, sem negar que (muito mais pelas suas palavras do que pelos seus actos) estes ou aqueles cristãos dão motivo à censura de serem, senão «inimigos», pelo menos «cansados» do

género humano, podemos afirmar, depois do que dissemos atrás sobre o valor sobrenatural do esforço terrestre, que esta atitude é derivada neles de uma compreensão incompleta e de maneira nenhuma de uma certa perfeição da religião.

Nós, desertores? Nós, cépticos sobre o futuro do Mundo tangível? Nós, desgostosos do trabalho humano? Quão pouco nos conheceis!... Vós suspeitais que não participamos nas vossas ansiedades, nas vossas esperanças, nos vossos entusiasmos ao penetrardes nos mistérios das energias terrestres e no domínio delas. «Tais emoções, dizeis vós, não poderiam ser partilhadas senão por aqueles que lutam em comum pela existência: ora, vós, os cristãos, fazeis profissão de estardes já salvos». Como se para nós, tanto ou muito mais do que para vós, não fosse uma questão de vida ou de morte o facto de a Terra triunfar até nas suas virtualidades mais naturais! Para vós (e nisto precisamente não sois ainda bastante humanos, ou não ides *até ao extremo* da vossa humanidade) não se trata senão do êxito ou do fracasso de uma realidade que, mesmo concebida com os traços de certa super-humanidade, permanece vaga e precária. Para nós, trata-se, em sentido verdadeiro, do acabamento do triunfo do próprio Deus. Concedo-vos que há uma coisa terrivelmente decepcionante e é que muitos cristãos, muito conscientes das responsabilidades «divinas» da sua vida, vivem como os outros homens, num semi-esforço, sem conhecerem o aguilhão ou a embriaguez do Reino de Deus que se há-de promover a partir de todos os níveis humanos. Mas aqui não critiqueis senão a nossa fraqueza. Em nome da nossa fé, nós temos o direito e o dever de nos apaixonarmos pelas coisas da Terra. Como vós e até melhor do que vós (porque, de nós ambos só eu posso prolongar até ao infinito, segundo as exigências do meu querer presente, as perspectivas do meu esforço), eu quero dedicar-me, de corpo e alma, ao dever sagrado da Investigação. Perscrutemos todos os muros. Experimentemos todos os caminhos. Sondemos todos os abismos. *Nihil intentatum...* Deus o quer, ele que quis necessitar disso. — Sois homem? «*Plus et ego*».

«*Plus et ego*». Não duvidemos disso. Neste tempo em que legítimamente se desperta, numa Humanidade prestes a tornar-se adulta, a consciência da sua força e das suas possibilidades, é um dos primeiros deveres apologéticos o mostrar pela lógica da sua visão religiosa e mais ainda pela lógica da sua acção, que o Deus encarnado não veio diminuir em nós a magnífica responsabilidade nem a esplêndida ambição de *nos fazermos a nós mesmos*. Mais uma vez: «*Non minuit, sed sacrauit*». Não, o Cristianismo não é — como se apresenta e como se pratica às vezes — uma carga suplementar a agravar o peso já tão grande ou a multiplicar os laços, já tão paralisantes, da vida social. Ele é na verdade uma alma poderosa que dá significado, encanto e leveza nova ao que já fazemos. A verdade é que ele nos encaminha para alturas imprevistas. Mas o caminho que leva a estas está tão bem ajustado ao que nós subíamos já naturalmente, que nada é mais definitivamente humano no cristão (é o que nos falta ver) do que o seu desaparego.

## O DESAPEGO PELA ACÇÃO

Tudo o que acabamos de dizer sobre a divinização *intrínseca* do esforço humano não parece discutível entre cristãos, visto que nos limitámos, em ordem a estabelecê-lo, a tomar no seu justo rigor, e a confrontar entre si, verdades teóricas ou práticas reconhecidas por todos.

Certos leitores, contudo, ainda que não encontrem falha precisa no nosso raciocínio, sentir-se-ão talvez vagamente desorientados ou inquietos perante um ideal cristão em que se dá uma parte tão ampla à preocupação do desenvolvimento humano e à realização dos melhoramentos terrestres. Não se esqueçam esses que não percorremos ainda senão metade do caminho que vai dar ao monte da Transfiguração. Até aqui não nos ocupámos senão com a porção activa das nossas vidas. Dentro em pouco, isto é, no capítulo das passividades e das diminuições, veremos aparecerem mais amplamente os braços dominadores da Cruz. Observemos no entanto uma coisa: na posição tão optimista e tão dilatadora, cujas características acabámos de esboçar, está subentendida por toda a parte uma verdadeira e profunda renúncia. Quem se apega ao dever humano seguindo a fórmula cristã, ainda que exteriormente pareça mergulhado nos cuidados da Terra, é, até ao fundo de si mesmo, um grande desaparego.

Em si, por sua natureza, o trabalho é um factor múltiplo de desaparego para todos os que se entregam a ele sem revolta, com fidelidade. Em primeiro lugar, implica o esforço, a vitória sobre a

inércia. Por mais interessante e espiritual que for (e quanto mais espiritual ele for, poderia dizer-se), o trabalho é um doloroso parto. O homem não foge ao terrível aborrecimento do dever monótono e banal senão por querer dar vazão devidamente às ansiedades e à tensão interior da «criação». Criar ou organizar energia material, verdade ou beleza, é um tormento interior que arranca o que a isso se aventura à vida pacífica, concentrada em si mesma, em que consiste propriamente o vício do egoísmo e do apego. O homem, para ser um bom operário da Terra, deve não só deixar uma primeira vez a sua tranquilidade e o seu descanso, mas tem de saber abandonar sem cessar por formas melhores, as formas primeiras da sua indústria, da sua arte, do seu pensamento. Parar a gozar, a possuir, seria um pecado contra a acção. Uma e muitas vezes, é necessário que o homem se ultrapasse, se arranque a si mesmo, e deixe a cada instante atrás de si os esboços mais queridos. — Seguindo pois este caminho, que não é tão diferente como pode à primeira vista parecer do caminho real da Cruz, o desapego não consiste simplesmente na substituição contínua de um objecto por outro objecto da mesma ordem, — como os quilómetros numa estrada plana se sucedem aos quilómetros. Em virtude de uma maravilhosa potência ascendente incluída nas coisas (analisá-la-emos mais em pormenor ao falarmos da «potência espiritual da Matéria»), cada realidade atingida e ultrapassada dá-nos acesso à descoberta e à busca de um ideal de qualidade espiritual mais elevada. Para quem estende convenientemente a sua vela ao vento da terra, descobre-se uma corrente que força a ir sempre mais para o mar alto. Quanto mais um homem deseja e actua nobremente, tanto mais ávido se torna de objectivos amplos e sublimes a realizar. E em breve já lhe não basta simplesmente a sua família, nem o seu país, nem o aspecto remunerador da sua acção. Terá de criar organizações gerais, abrir novos caminhos, defender Causas, descobrir Verdades, alimentar um Ideal e defendê-lo. - É assim, pouco a pouco, o operário da Terra já se não pertence. E assim, pouco a pouco, o vento poderoso do Universo, infiltrado nele pela fenda de uma acção humilde mas fiel, dilatou-o, levantou-o, arrebatou-o.

No cristão, caso saiba tirar partido dos recursos da sua fé, estes efeitos atingem o seu paroxismo e o seu coroamento. Já o vimos: do ponto de vista da realidade, da precisão, do esplendor do termo último que devemos ter em vista com o menor dos nossos actos, nós, os discípulos de Cristo, somos os mais afortunados dos Homens. O cristão reconhece que tem como função divinizar o Mundo em Jesus Cristo. Nele, pois, o processo natural que leva a acção humana de ideal em ideal, para objectos cada vez mais consistentes e universais, graças ao apoio da Revelação, chega ao seu completo desenvolvimento. Nele, por conseguinte, o desapego pela acção deve conseguir o máximo da sua eficácia.

E isto é perfeitamente verdade. Tal como o concebemos nestas páginas, o cristão é ao mesmo tempo o mais apegado e o mais desapegado dos homens. Convencido, mais do que nenhum «mundano», do valor e do interesse insondáveis escondidos sob o mínimo dos resultados terrestres, ele está ao mesmo tempo persuadido tanto como qualquer anacoreta, do nada de qualquer bom resultado, se este é olhado simplesmente como um proveito individual (ou mesmo universal) à margem de Deus. É Deus e só Deus que ele busca através da realidade das criaturas. Para ele, o interesse está realmente *nas* coisas, mas em absoluta dependência da presença de Deus nelas. A luz celeste faz-se tangível e atingível para ele no cristal dos seres; mas ele não quer senão a luz; e se a luz se apaga, por o objecto estar deslocado, ultrapassado, ou se desloca, a mais preciosa substância não vale a seus olhos mais do que pó. E assim, até em si mesmo e nos actos de desenvolvimento pessoal que ele realize, não é a si mesmo que ele busca mas ao Maior que ele, a quem se reconhece estar destinado. A seus olhos, de facto, ele já não conta, já não existe; esqueceu-se de si mesmo e perdeu-se a si mesmo no próprio esforço que o aperfeiçoa. Já não é o átomo que vive, é o Universo que vive nele.

Não só encontrou a Deus em todo o campo das suas actividades tangíveis. Mas, no decurso desta primeira fase do seu desenvolvimento espiritual, o Meio divino que lhe foi revelado absorve as suas potências exactamente na medida em que estas conquistarem mais laboriosamente a sua individualidade.